

As ânforas romanas vinárias de Seilium (Tomar), conuentus Scallabitanus

CARLOS MANUEL DOS SANTOS BANHA
PAULO ALEXANDRE MOURINHO ARSÉNIO

R E S U M O Apresentam-se as ânforas vinárias encontradas na cidade romana de *Seilium* (Tomar), provenientes de escavações efectuadas no *forum* (rua Carlos Campeão) e nas *insulae* da Alameda 1 de Março e da Rua Norton de Matos, cuja variedade tipológica – com presença de ânforas da classe 10 (= Dressel 2-4); classe 6 (= Pascual 1); classe 15 (= Haltern 70); classe 31 (= Dressel 28); classe 28 (= Gaulesa 1); classe 27 (= Gaulesa 4); classe 9 (= tipo Ródio); Agora M54 – indica uma realidade em que o consumo de produtos vînicos importados é bem patente, atingindo o auge durante a dinastia dos Júlios-Cláudios, entre os finais do século I a.C. e a segunda metade do século I d.C. Registou-se ainda a presença de um tipo de ânfora de produção lusitana, mais tardia e presumivelmente vinária (Lusitana 3).

O estudo das ânforas vinárias de *Seilium* permite-nos constatar que a urbe estaria inserida na rede romana de comércio a longa distância – com importações vînicas de diversas províncias do Mediterrâneo Ocidental (Narbonense, Tarraconense e Bética) e mesmo do Mediterrâneo Oriental (Rodes).

Procede-se finalmente a uma análise comparativa com ânforas vinárias, identificadas em outros dois contextos urbanos da Lusitânia: *Conimbriga* e *Caetobriga* (Setúbal), para os quais dispomos de dados seguros e convenientemente publicados, procurando aferir-se semelhanças e diferenças relativamente a *Seilium*, no respeitante aos ritmos de consumo de vinho e vias de abastecimento.

A B S T R A C T We present the wine amphorae found in the Roman town of *Seilium* (Tomar) during the archaeological excavations in the Forum (rua Carlos Campeão) and in the *insulae* of Alameda 1 de Março and Rua Norton de Matos. The variety of amphorae types (there were found amphorae of class 10 (= Dressel 2 4), class 6 (= Pascual 1), class 15 (= Haltern 70); class 31 (= Dressel 28), class 28 (= Gauloise 4); class 9 (= Rodian type), Agora M54) shows a social organization in which the consumption of imported wines is quite clear, reaching its highest levels during the Julio-Claudian dynasty, between the end of the first century BC

and the second half of the first century AD. Besides, it was very interesting to see the presence of a type of amphora made in *Lusitania*, dated from a later period and presumably used for wine storage and transportation (Lusitana 3).

The study of *Seilium's* wine amphorae allows us to conclude that the town would have been inserted in the Roman's long-distance exchange process, wich imported wine from several provinces of the western Mediterranean and even from the eastern Mediterranean.

Finally, we compare these amphorae with the ones identified in two other urban contexts of *Lusitania*: *Caetobriga* (Setúbal) and *Conimbriga* – about which we have reliable and conveniently published information – exploring similarities and differences as to the rythm of wine consumption and the routes used to its supply.

1. Introdução

O presente trabalho¹ resulta de um convite que nos foi endereçado para o estudo global das ânforas de *Seilium* (Tomar) - *Conventus Scallabitanus*, pela Dra. Salete da Ponte, arqueóloga responsável pelas intervenções arqueológicas na área urbana de Tomar. O espólio anfórico aqui analisado foi, portanto, recolhido na sua totalidade em escavações arqueológicas na antiga cidade de *Seilium* (Tomar).

Para a classificação das ânforas vinárias baseamo-nos na tabela tipológica de Peacock e Williams apresentada pelos autores no livro *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide* (1991, p. 80-217) que, pelas suas características, nos pareceu a mais adequada.

Cabe-nos agradecer à dra. Salete da Ponte a disponibilidade dos dados arqueológicos, ao dr. Carlos Fabião, docente de Arqueologia Clássica Peninsular na Faculdade de Letras de Lisboa, todo o apoio prestado e à dra. Sara Ferro o precioso auxílio na execução dos desenhos das peças e da tintagem dos mesmos.

2. Localização e enquadramento

Situado na parte mais ocidental do Império Romano, na província da Lusitânia, o actual território de Tomar (Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, folha n.º 310) dista cerca de 120 km de Lisboa e 60 da sua capital de Distrito, Santarém.

Correspondendo a boa parte de uma subunidade geográfica e até bem delimitada, ou seja, a estreita faixa de separação entre os maciços calcários da Estremadura e a Cordilheira Central, situado entre as latitudes 39º 45' 40" e 39º 31' 20", os seus terrenos são argilosos ou argilo-calcários, por vezes arenosos, amarelados ou avermelhados e a sua altitude raramente ultrapassa os 150 m (60, 80 m para a rua Carlos Campeão).

O rio que atravessa a cidade, o Nabão e as ribeiras da Lousã e da Beselga, afluentes do primeiro, formaram, nos seus cursos inferiores, pequenas, mas férteis planícies aluviais. O vale do rio é propício ao cultivo de cereais, produtos hortícolas, da vinha e de espécies arbóreas como a oliveira e a figueira.

O Nabão junta-se ao Zêzere e ao Tejo, próximo da vila de Constância, a cerca de 20 km, o que contribui para a fixação no espaço das gentes, quer através da exploração dos seus recursos, quer como barreira defensiva.

3. A organização administrativa e a rede viária

Após a ocupação definitiva da Hispânia, o imperador Augusto reorganiza-a política e administrativamente. Criam-se novos núcleos urbanos e adaptam-se os já existentes, construindo-se vias de comunicação e desenvolvendo-se as preexistentes, quer terrestres quer fluviais.

Seilium, integrada numa das três províncias da Hispânia, a Lusitânia, seria uma das 34 *civitates stipendiariae* entre 16 e 13 a.C. (Mantas, 1989, p. 33) e estaria sob a alçada da circunscrição judicial do *conuentus Scallabitanus*, com sede em *Scallabis* (Santarém), no reinado de Vespasiano (69-79 d.C.) (Ponte, 1989d, p. 10).

Durante a governação julio-claudiana (Tibério-Cláudio), teria provavelmente recebido o *ius Latii* e sob os Flávios ascenderia à categoria de município, comprovada pela inscrição dedicada ao *genius municipii* (Mantas, 1989, p. 33).

A importância da cidade está patente na *Geografia* de Cláudio Ptolemeu e no *Itinerário de Antonino*, obras elaboradas no século III d.C., que, isolando-a entre *Scallabis* e *Conimbriga*, sem dar relevo a qualquer outro aglomerado, mesmo de segunda categoria, fornece-lhe o papel de centro viário regional.

Sendo difícil definir os seus contornos devido à ausência de marcos demarcatórios (*termini augustales*), a Serra de Alvaiázere, a Norte, e a Serra de Aire a Sudoeste seriam fronteiras naturais, bem como os rios Tejo e Zêzere, a Sul e a Nascente e a Ocidente o meridiano de Ourém completaria as fronteiras da *civitas* (Alarcão, 1989, p. 9).

Com a localização definitiva da cidade de *Seilium*, identificada com a actual cidade de Tomar, a reconstituição da rede viária torna-se cada vez mais segura. Esta incluiria estradas principais e secundárias, em que as primeiras ligariam *Seilium* a outras cidades da Lusitânia e as segundas às várias *villae* existentes em seu redor.

Seria na cidade que entroncaria uma das principais estradas da província, ou seja, a que ligava *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa) e *Bracara Augusta* (Braga), via militar correspondente à via XVI do *Itinerário de Antonino* e que teria as funções de *caput viarum* e que ligaria igualmente *Scallabis* e *Conimbriga* à zona urbana de *Seilium* (Ponte, 1993, p. 146).

Seria desta estrada, através de uma via que começaria em Rego da Murta, que se faria a ligação com o rio Zêzere e que continuaria em direcção ao vale do Tejo, entroncando posteriormente na via *Olisipo-Emerita*. No entanto, a ligação directa com o Tejo seria por uma estrada que acompanharia a margem esquerda do rio Nabão, passando por Cardais e que, atravessando o Tejo (Praia do Ribatejo), entroncaria por sua vez na via *Olisipo-Augusta Emerita*.

Ainda desta importante via, *Olisipo-Bracara*, partiria de Ceras um outro eixo que constituiria a ligação com a Egitânia, atravessando o Zêzere junto a Rio de Codes e prosseguindo em direcção a Vila de Rei.

A ligação de *Seilium* com *Collipo* (S. Sebastião do Freixo) teria dois percursos alternativos, um por Ourém e outro que acompanharia a margem direita do rio Nabão, variante da via *Olisipo-Bracara* e que passaria por Rio de Couros e Caixarias (Mantas, 1989, p. 34).

Seilium situava-se numa área importantíssima, controlando a região litoral e o Norte, unindo *Olisipo* a *Emerita* pelo vale do Tejo e no qual a rede fluvial seria complementar fundamentalmente na ligação entre *Seilium* e *Scallabis*.

Para mais, é de citar as referências de Estrabão de que o rio Tejo era navegável com barcos de média calagem até Santarém, não sendo por isso de excluir a possibilidade de alguma mercadoria seguir rio acima em barcos de pequeno porte (Estrabão, III.3.1. In García y Bellido, 1978⁶).

4. A cidade

O subsolo da área urbana de Tomar forneceu, durante o desenrolar dos tempos, materiais arqueológicos, através de descobertas ocasionais e fortuitas. As primeiras actividades com alguns princípios de sistematização foram realizadas, na área urbana, na década de 50 por intermédio da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo.

A cidade romana situava-se na margem esquerda do rio Nabão e ocuparia uma área aproximada de 37 500 m², circunscrita a Norte pela Rua da Carrasqueira, a Nascente pela Rua Manoel de Matos, a Oeste pela Rua de Sta. Iria e a Sul pela Rua Carlos Campeão (Ponte, 1989a, p. 27).

O crescimento urbano da cidade, a construção de arruamentos, as obras de saneamento básico, entre outras acções humanas levaram a destruição de grande parte da informação arqueológica.

Neste contexto, entre os vários blocos habitacionais, restaram unicamente pequenos núcleos (logradouros da Rua Carlos Campeão, Rua Amorim Rosa e Rua Norton de Matos) e a implementação do actual Plano de Urbanização, com a desafecção da antiga Fábrica de Cerâmica Prista (Alameda 1 de Março), foram até agora os núcleos alvos de intervenção arqueológica.

A Rua Carlos Campeão foi o primeiro núcleo com intervenção arqueológica. Iniciada em 1981, foram detectados vestígios da 2^a Idade do Ferro (séculos IV-I a.C.) e vestígios de um monumento público, o *Forum* (séc. I d.C.).

De entre os materiais recolhidos, avultam fragmentos de *sigillata* itálica e sudgálica, lucernas e paredes finas (século I d.C.), *sigillata* tardia regional (século IV-V d.C.), *sigillata* clara D (século IV-V d.C.) e uma moeda da imperatriz Helena (século IV) (Ponte, 1985, p. 95).

Conservam-se no Fórum a Cúria e a Basílica, parte de uma praça pública e vestígios de *tabernae* (Ponte, 1989d, p. 12). Foi possível identificar as duas artérias principais: o *decumanus maximus* e o *cardo maximus*. O *decumanus* (E/W) passa a Sul da Basílica e o *cardo* ao lado Poente (Ponte, 1989c, p. 100).

Na Alameda 1 de Março foram detectados inicialmente (1982) restos de uma habitação romana datável do séc. I d.C. e pela abundância de artigos, desde logo se colocou a hipótese de os proprietários da casa se dedicarem à comercialização (Ponte e Silva, 1985, p. 115). Posteriores intervenções localizaram vestígios de *insulae*, cuja fachada Sul dava para um *decumanus* secundário. No piso térreo desta *insula* foram localizados *in situ* uma enorme variedade de objectos de uso quotidiano (Ponte, 1989d, p. 19).

Na Rua Amorim Rosa foram identificados vestígios do que parecem ser as estruturas do *Macellum* e restos de uma rua. Os materiais exumados, fragmentos de *sigillata*, paredes finas, lucernas e moedas, são datáveis entre os sécs. I ao IV d.C. (Ponte, 1989b, p. 30).

Na Rua Norton de Matos foram identificados vestígios que aparentam ser de uma *insula* com restos de canalização (Ponte, 1989a, p. 27).

Apesar da área intervencionada já compreender uma área significativa, pouco ou nada se sabe sobre o passado económico de *Seilium*. Os fragmentos de ânforas recolhidas nos locais acima descritos, bem como outros recolhidos em valas abertas pelos serviços municipalizados, poderão contribuir para ligar a urbe à rede romana de comércio a longa distância.

5. As ânforas vinárias de *Seilium*

5.1. Importações da Bética

As importações vinárias da Bética são, em *Seilium*, as mais importantes, com presença de ânforas da classe 15 (= Haltern 70), com 19 exemplares, dos quais ilustramos oito (n.ºs 1-8) e da classe 31 (= Dressel 28), dois exemplares, dos quais ilustramos um (n.º 10).

Classe 15 (= Haltern 70)

É uma ânfora alto-imperial produzida na Bética entre meados do século I a.C e meados do século I d.C.

É um contentor de menores dimensões que o da classe 5 (= Dressel 1c), correspondendo a uma tentativa de optimização na relação peso/conteúdo. No entanto, pode considerar-se uma ânfora alta, atingindo os 95 cm de altura, apresentando lábio extrovertido e moldurado, colo estreito e alto, com asas de secção oval, apresentando um sulco longitudinal muito pronunciado. O corpo é cilíndrico e o pé, longo, é troncocónico maciço. O peso da ânfora vazia é de 20,5 kg. e a sua capacidade é de 34,75 l.

Destinada ao transporte do *defrutum* (derivado vínico), está presente em quase todos os acampamentos militares antigos do *limes* renano: Nimega, Haltern e Oberaden, mas também em Roma, Ostia, Pompeios e nas cidades do eixo gaulês do Ródano-Reno (Lyon e Vienne). Em Espanha foram identificadas ânforas desta classe em Tossa de Mar e Port de la Selva (Gerona), Barcelona, Villajoyosa (Alicante), Cartagena e Cádiz. No Sul de Espanha, região produtora destas ânforas, foram encontradas em Alcalá del Río e Mairena del Alcor, com ânforas semelhantes às do naufrágio de Port-Vendres II.

No actual território português ocorrem em número razoável, estendendo-se a sua difusão do sul às regiões mais setentrionais da província, estando presente em (de Sul para Norte): Torre d'Aires, no rio Arade, nas Mesas do Castelinho, no Castelo de Alcácer do Sal, na Alcáçova de Santarém, na Lomba do Canho e em Conímbriga. A Norte, já na província da Tarraconense foi identificada no castro de Sanfins. Na Galiza é a ânfora claramente dominante correspondendo a 68% das importações, contra 14,3% da Dressel 1 (Naveiro López, 1991, p. 64).

É a ânfora vinária mais frequente em *Seilium* (Tomar), apresentando os exemplares por nós estudados pastas de cor bege acastanhado e acinzentado na superfície e castanho acinzentado ou cinzento na secção, com elementos não plásticos muito heterogéneos, constituídos por quartzo, feldspato, quartzito, xisto, partículas de moscovite de pequenas dimensões e inclusões negras (augites) de pequeníssima dimensão muito escassas.

A pasta dos exemplares da classe 15 (= Haltern 70) por nós analisados é muito semelhante à das oleárias da classe 25 (= Dressel 20) de produção bética, correspondendo, pois, aos fabricos do vale do Guadalquivir, entre *Hispalis* (Sevilha) e *Corduba* (Córdova).

Note-se que já Dalí Colls e colaboradores (Colls et al., 1977), ao debruçarem-se sobre o naufrágio da época claudiana de Port-Vendres II, afirmaram existir uma grande semelhança entre as pastas das ânforas destas duas classes, afirmando mesmo ser plausível uma produção simultânea dos contentores oleários e vinários nos mesmos ateliers. De facto, os elementos não plásticos detectados nas pastas das ânforas da classe 15, sobretudo a presença de fragmentos de rochas metamórficas (xistos), apontam para os depósitos sedimentares do Guadalquivir, sendo estes carregados pelo rio a partir dos maciços rochosos da Sierra Morena.

Em *Seilium* é, como dissemos, a ânfora vinária alto-imperial mais frequente e o contentor bético que ocorre em maior número, sendo o seu número superior à classe 16 (= Dressel 7/11), tendo sido identificada na *insula* da rua Norton de Matos e na *insula* da Alameda, mas também na zona do Fórum, de fundação júlio-claudiana, onde, contudo, só foi identificado um fragmento.

As ânforas desta classe aqui recolhidas, em escavações arqueológicas dirigidas pela Dra. Salette da Ponte, pertencem seguramente ao século I d.C., apresentando flagrantes semelhanças formais com os exemplares recolhidos nos naufrágios Sud-Lavezzi 2 (Liou e Domergue, 1991) e Port-Vendres II (Colls et al., 1977), datados, o primeiro do reinado de Tibério e o segundo de Cláudio.

Na *insula* da Alameda, de onde provêm seis das nove ânforas agora apresentadas, estas surgem estratigraficamente associadas a ânforas da classe 28 (= Gaulesa 1) e classe 6 (= Pascual 1), enquanto no Fórum surge associada à classe 10 (= Dressel 2-4). Na *insula* da rua Norton de Matos surgem duas destas ânforas, nos níveis mais antigos, datados da primeira metade do século I d.C.

Classe 31 (= Dressel 28)

Trata-se de uma ânfora de menores dimensões que a da classe 15 (= Haltern 70), produzida na Bética entre o século I a.C. e finais do século I d.C., apresentando um lábio moldurado com caneluras profundas. O corpo é arredondado, terminando num pé anelar espesso. De acordo com Peacock e Williams (1991, p. 149), apresenta afinidades com a ânfora da classe 27 (= Gaulesa 4). As asas são curtas e arredondadas, com uma ou duas caneluras longitudinais.

Tipologicamente classificada por Dressel nos finais do século XIX (Dressel, 1899), esta ânfora tem sido identificada ao longo deste século em diversas províncias da parte ocidental do Império Romano, Tarraconense e Narbonense, mas também na área do *limes* germânico, na Britânia e em Itália.

Foi identificada em dois naufrágios do Alto Império: Port Vendres II (Colls et al., 1977) e Sud-Lavezzi 2 (Liou e Domergue, 1991), a partir dos quais foi possível uma aproximação mais rigorosa relativa à área de produção, ao período de circulação destes contentores e ao conteúdo.

No primeiro destes naufrágios (Port Vendres II) — datado, como já referimos, do início do reinado de Cláudio e estudado por Dalí Colls e colaboradores —, identificou-se uma dezena de ânforas desta classe, associadas a vinárias da classe 15 (= Haltern 70), a oleárias da classe 25 (= Dressel 20) e a contentores de preparados de peixe do tipo Pompeiana VII, correspondendo ao que parece ter sido um carregamento misto, proveniente da província da Bética e com destino à península itálica, provavelmente a Óstia, cujo principal elemento de carga seriam lingotes de estanho e, em menor quantidade de cobre e chumbo, associados a ânforas oleárias, vinárias e de preparados de peixe; surgindo como pequeno complemento de carga cerâmicas de paredes finas. Apesar da grande importância deste naufrágio, pelas evidências materiais que oferece, não foi possível determinar com segurança, mesmo com recurso a análises de pasta efectuadas às ânforas da classe 31 (= Dressel 28), a respectiva área de produção, pelo que os autores apontam como área provável de produção a Bética, não excluindo, contudo a hipótese de se tratar de ânforas de fabrico tarraconense e embarcadas a meio da viagem. Ao invés, este naufrágio permitiu confirmar o conteúdo vinário das ânforas desta classe.

No naufrágio Sud-Lavezzi 2, estudado por Liou e Domergue e datado do reinado de Tibério (Liou e Domergue, 1991) — também com um carregamento misto, constituído por lingotes

de chumbo, cobre, ânforas vinárias, oleárias e de preparados de peixe — foram identificados três fragmentos de ânforas desta classe, associados à classe 15 (= Haltern 70), classe 25 (= Dressel 20), Dressel 8 e 9, à classe 16 (= Dressel 7/11) e à Pompeios VII, classificando os autores as ânforas da classe 31 (= Dressel 28) como de produção bética.

Foi identificada em contextos urbanos datados dos inícios do século I a.C. e inícios do século I d.C. na Gália: em Vienne na segunda e terceira fases de Saint-Romain-en-Gal (15 a.C.-20 d.C.) e em Lyon, em Verbe Incarne (15 a.C.-15 d.C.), registando sempre percentagens máximas muito baixas, no primeiro caso 3% e no segundo 1% (Desbat e Martin-Kilcher, 1989, p. 344-345).

Na Catalunha na antiga *Baetulo* (Badalona) foi recolhida em escavações na Carrer Pujol, datada do reinado de Augusto (Comas i Solà, 1985, p. 21) e na Carrer Fluvià 73, datada de finais do século I a.C. (Comas i Solà, 1985, p. 29-30).

Em Portugal está presente no rio Arade (Silva et al., 1987) e em Conímbriga, surgindo numa camada contemporânea do Fórum Flaviano (Alarcão, 1976, p. 87).

Em *Seilium* identificaram-se somente duas ânforas desta classe, um bocal com as duas asas e parte do ombro, e um fragmento de asa, o que parece estar a par da fraca representação noutros contextos urbanos alto-imperiais da Lusitânia, como em Conímbriga, onde só foram recolhidos quatro destes contentores.

O fragmento de asa por nós estudado apresenta dupla canelura longitudinal. A pasta é de cor bege-acinzentado na superfície e um pouco mais escura na secção, com elementos não plásticos constituídos por quartzo, feldspato, xisto, escassas inclusões negras e finíssimas partículas de mica, o que nos permite apontar para a área do Guadalquivir como centro de produção das ânforas em causa.

O bocal de ânfora foi recolhido na *insula* da Alameda, enquanto o fragmento de asa provém do que poderá ter sido o *macellum* da cidade de *Seilium*, no actual logradouro da rua Amorim Rosa, associada ao bocal de um contentor da classe 6 (= Pascual 1).

5.2. Importações da *Tarraconense*

As inportações de ânforas vinárias da *Tarraconense* estão atestadas em *Seilium* pela presença de dois fragmentos de ânforas da classe 6 (= Pascual 1): um bocal e um fragmento de bordo, dos quais ilustramos um (n.º 9), e três fragmentos de asas bífidas, pertencente a uma ânfora da classe 10 (= Dressel 2-4) de produção *tarraconense*, dos quais ilustramos dois (n.ºs 11 e 12).

Classe 6 (= Pascual 1)

Esta ânfora é, segundo Peacock e Williams (1991, p. 93) uma cópia da ânfora da classe 4 (= Dressel 1B). Apresenta um lábio vertical, colo cilíndrico e corpo ovóide, terminando num pé troncocónico maciço; as asas são arredondadas com um sulco longitudinal.

Terá sido produzida na *Tarraconense* — onde os autores supracitados identificaram dois tipos de fabrico, servindo como contentor para os vinhos da *Tarraconense* — desde o período tardo-republicano, estando presente em Pompeios em níveis flavianos. Contudo, o auge da sua produção e circulação parece corresponder ao reinado de Augusto.

É um contentor que apresenta uma boa distribuição na parte ocidental do Império Romano, estando presente em Vienne — nas três fases de Saint-Romain-en-Gal, subindo de 3 para 10%,

entre 30/20 a.C. e 15/20 d.C., acompanhando uma clara descida, nesta cidade, das importações vinárias itálicas: com a queda das importações de ânforas da classe 5 (= Dressel 1C) de 46 para 16% no mesmo período. Também está presente nas escavações de Verbe Incarne (15 a.C./15 d.C.) e Favorite (5/10 d.C.), em Lyon, atingindo na primeira estação 13%, contra 1% da classe 5 (= Dressel 1C) e na segunda 15%, estando ausente a classe 5. É interessante verificar para estes contextos urbanos tardo-republicanos e augustanos que o contentor da classe 6 (= Pascual 1) ocorre sempre em maior número que o da classe 15 (= Haltern 70) de produção bética, que ao longo da diacronia mostra também tendência para um aumento nas duas cidades (Desbat e Martin-Kilcher, 1989, p. 344-345).

Em Roma, na zona do fórum, está escassamente representada (Ciotola et al., 1989, p. 605).

Em Portugal não foram até ao momento registadas ânforas desta classe, pelo que os dois fragmentos identificados em Tomar se revestem de particular interesse. Estes provêm dos níveis mais antigos da *insula* da Alameda e do logradouro entre as ruas Amorim Rosa e Major Amaral, provavelmente o *macellum* da cidade, datados da primeira metade do século I d.C.

O bocal de ânfora identificado em Tomar (n.º 9) apresenta lábio sub-vertical moldurado, espessado internamente, com 6,3 cm de altura. A pasta é de cor vermelho acastanhada na superfície externa e cinzenta na interna (resultante da aplicação de resina) e na secção de cor vermelho acastanhada, apresentando elementos não plásticos de pequenas dimensões de quartzo, feldspato finíssimas partículas de moscovite e calcário, correspondendo ao fabrico 1 descrito por Peacock e Williams (1991, p. 94). É interessante o facto de se ter detectado sobre o lábio uma espécie de engobe de cor clara (bege), que pode resultar da utilização de água salgada durante o processo de fabrico da ânfora, à semelhança do atestado para os contentores das classes 3, 4 e 5 (= Dressel 1 A, B e C) que, como dissemos, copia a da classe 10 (= Dressel 2-4), muitas vezes incorrectamente interpretado como pintura (Peacock e Williams, 1991, p. 45).

Classe 10 (= Dressel 2-4 da Tarraconense?)

As ânforas desta classe apresentam corpo cilíndrico, lábio de secção circular e asas bifidas, que, arrancando um pouco abaixo do lábio, descansam sobre o ombro. Estes contentores foram produzidos na província da Tarraconense entre os finais do século I a.C. e inícios do século II d.C.

Designada por Peacock e Williams (1991, p. 105) como ânfora greco-romana, este contentor deriva dos protótipos gregos do século III a.C., tendo sido produzida inicialmente no Lácio e na Campânia, onde substituiu os contentores da classe 5 (= Dressel 1C), sendo rapidamente adoptada pelos principais centros de produção vinícola das províncias ocidentais do Império: Narbonense, Tarraconense e mesmo Bética, onde passaram a ser fabricadas réplicas da ânfora itálica.

Na Tarraconense, de onde parecem provir os fragmentos de asas de ânforas por nós estudados, a produção destes contentores iniciou-se no reinado de Augusto, correspondendo à crescente dinâmica da produção vinícola desta província e sobretudo da Laietânia, tendo cessado no reinado de Adriano, já no século II d.C. Estas ânforas ocorrem em grande número em Óstia, em contextos flavianos (segunda metade do século I d.C.), diminuindo a sua frequência no início do século seguinte. Enquanto em Barcelona está presente em contextos do século II d.C. (Comas i Solà, 1985, p. 71).

No actual território português têm sido identificadas ânforas desta classe em contextos urbanos do período romano, do Norte a Sul do país, mas, resulta curioso observar, quase exclusivamente de produção itálica ou bética — exceptuando Conímbriga, onde se identificaram pelo

menos duas ânforas desta classe de produção Tarraconense — nomeadamente na Citânia de Briteiros (Silva, 1986, p. 32), em Conímbriga, com uma datação da primeira metade do século I d.C. e dos inícios do século II (Alarcão, 1976, p. 82), na área urbana de Setúbal, ocorrendo na C.7 das escavações da fábrica de salga da época romana da Travessa de Frei Gaspar, datada de meados e do terceiro quartel do século II d.C. (Silva, 1986, p. 157). Também nas dragagens do rio Arade, no Algarve, foi recuperada uma ânfora desta classe. Está igualmente atestado nas *uillae* de S. Cucufate (Vidigueira), nas *uillae* I e II, e na *uilla* de Povos, associada a contentores da Classe 20/21 (= Dressel 14) em contexto da primeira metade do século I d.C. (Banha, 1993, p. 55).

Desta forma parece revestir-se de manifesto interesse o surgimento em *Seilium* de ânforas da Classe 10 de produção aparentemente tarraconense.

Efectivamente recolheram-se em Tomar dois fragmentos de asas bífidas provavelmente pertencentes a ânforas da classe 10 (= Dressel 2-4), de produção tarraconense, apresentando pastas muito compactas, alaranjadas na superfície e vermelhas na secção, com escassos elementos não plásticos visíveis sem lupa de grão fino constituído por quartzo e moscovite, no primeiro caso (fórum) e amarelo alaranjado na superfície e na secção, com elementos não plásticos de grão fino e abundância de pequenas partículas de moscovite. Os exemplares de Tomar foram recolhidos na *insula* da Alameda.

5.3. Importações da Gália

As importações de produtos vínicos da Gália estão atestadas pela presença de um fragmento de ânfora da classe 27 (= Gaulesa 4), outro da classe 28 (= Gaulesa 1) e um último da classe 30 (= Gaulesa 5?), dos quais ilustramos os exemplares das duas primeiras classes (n.os 13 e 14).

Classe 27 (= Gaulesa 4)

Esta ânfora é caracterizada por um lábio arredondado e asas de fita, curtas com um sulco longitudinal, partindo da parte superior do colo ou imediatamente abaixo do lábio e repousando sobre os ombros arredondados. O corpo é piriforme, terminando num estreito pé em anel (Peacock e Williams, 1991, p. 142). Foi produzida entre meados do século I d.C. e o século III d.C., sobretudo na Gália Narbonense, conhecendo-se fornos que as produziram em Sallèles d'Aude, Marselha, Boucaire, Le Beussat e Sanary (Laubenheimer, 1989, p. 132-135). Foram fabricadas em Crouzilles, na zona do Indre et Loire, na fronteira entre a província da Lugdunense e da Aquitânia. Na Tarraconense foi identificado em Almadrava, próximo de Valência, um atelier que produziu ânforas desta classe, que, copiando a forma das suas congéneres gaulesas, serviria como contentor para o vinho tarraconense (Aranegui e Gisbert, 1992, p. 106).

Peacock e Williams aproximam este contentor das produções lusitanas da classe 23 (= Almagro 51C) e da classe 38 (= Dressel 30), produzida na Mauritânia Cesariana.

No actual território português está presente na fábrica de salga da Quinta do Marim (Olhão), recolhida na camada de superfície; no porto romano da Ilha do Pessegueiro, na fase IIA do sítio, com uma cronologia média de 67-70 d.C., correspondendo a 1% do total dos recipientes anfóricos recuperados em contextos estritamente alto-imperiais (Silva e Soares, 1993). Foi recolhida uma destas ânforas no leito do Tejo, frente a Salvaterra de Magos (Diogo, 1987a). Em Tomar surge na *insula* da Alameda, aparentemente fora de contexto. O fragmento de ânfora (bocal com

arranque da asa) desta classe identificado em Tomar apresenta uma pasta de cor rosada na superfície e creme na secção, com abundantes elementos não plásticos constituídos por moscovite e quartzo, integrando grãos de cerâmica moída de cor sanguínea. Formalmente assemelha-se bastante às produções tardias (século III d.C.) da classe 27 (= Gaulesa 4) identificadas nos ateliers de Sanary (Laubenheimer, 1989, p. 133-135).

Classe 28 (Gaulesa 1)

Apresenta um lábio moldurado extrovertido e asas de fita com dois sulcos que, arrancando abaixo do lábio, descansam sobre a parte superior da pança (Peacock e Williams, 1991, p. 144).

Tal como a ânfora da classe 27 (= Gaulesa 4) esta ânfora vinária foi produzida, durante o século I d.C. na Gália Narbonense, conhecendo-se fornos que a produziram em Beaucaire e Ponteilla (Perpignan).

Em Tomar surge nos níveis mais antigos da *insula* da Alameda, associada ao pé de uma ânfora da classe 15 (= Haltern 70).

5.4. Importações Orientais

As importações de vinhos orientais são, para *Seilium* confirmadas pela presença de um fragmento de asa de uma ânfora da classe 9 (= Tipo Ródio = Camulodunum 184) e por uma ânfora quase completa, a que só falta parte de uma asa, do tipo Ágora M54 (n.os 17 e 18).

Classe 9 (= Tipo Ródio)

Esta ânfora apresenta um lábio de secção circular, colo cilíndrico, assemelhando-se neste particular aos exemplares da classe 10 (= Dressel 2-4) e asas de secção circular, que arrancando subverticalmente da parte superior do colo, inflectem descrevendo um arco e descansando sobre o ombro. Bastante característica nesta ânfora é a aresta muito pronunciada, exibida pelas asas na zona da inflexão. O corpo é fusiforme, terminando num pé cilíndrico ou troncocónico maciço. Parecendo resultar da evolução de um protótipo tardo-helenístico do século III a.C. produzido até ao início do século II d.C. (Peacock e Williams, 1991, p. 103), a ânfora da classe 9 (= Tipo Ródio) emerge deste no final do século I a.C. sendo exportada para as províncias ocidentais do Império até ao início do século II d.C. (Sealey, 1985, p. 58).

Foi presumivelmente produzida na Ilha de Rodes ou nos territórios sob o seu domínio político, como a península de Cnido na costa da Ásia Menor, entre os séculos I a.C. e II d.C. (Empeur e Picon, 1989, p. 224-225), visando a utilização sobretudo como contentor vinário destinado ao envase do famoso vinho egeano, o *passum*: vinho doce feito a partir das passas de uvas de uma vide especial a *uva apiana* — o processo consistia em secar ao sol as uvas antes da vinificação, obtendo-se desta forma um vinho doce e perfumado. O melhor destes vinhos era, de acordo com Marcial (XIII, 106), o que se produzia em Cnossos em Creta (Ricotti, 1987, p. 79). Sabemos hoje, a partir do estudo das ânforas desta classe existentes no naufrágio Dramond D efectuado por Joncheray, que transportariam também figos (Joncheray, 1974).

A origem oriental deste contentor, tida até há alguns anos como discutível, é hoje unanimemente aceite, facto que decorre, por um lado, das infrutíferas tentativas de localização de

áreas de produção destas ânforas no Ocidente (resultando curioso observar que nem mesmo na Península Itálica, onde primeiramente se desenvolve a produção de ânforas de tradição grega da classe 10 foi identificado qualquer atelier com produções da classe 9, ou como seria até lícito pensar, produzindo simultaneamente ânforas das duas classes) e por outro, devido aos resultados das análises das pastas das ânforas desta classe identificadas em Vienne, na rua da Favorite, em Lyon (França) e em Colchester Sheepen (Inglaterra) — procedendo-se nos dois primeiros casos a análises químicas, usando o método de fluorescência de Raios X e identificando elevadas quantidades de crómio na pasta (Desbat e Picon, 1986, p. 640) e no segundo a análises petrológicas (Sealey, 1985, p. 54-55) — os quais apontam em qualquer dos casos para o Mediterrâneo oriental como área de produção das ânforas da classe 9 (= Tipo Ródio). Foi registada em contextos urbanos da parte ocidental do Império Romano, nomeadamente em Itália, no Sul de França, na Inglaterra e na Catalunha, provando o vigor dos circuitos comerciais de abastecimento de vinhos orientais ao Ocidente: note-se que em Vienne e Lyon, duas cidades fulcrais no eixo comercial Ródano-Reno, esta ânfora está presente, atingindo 5% do total de ânforas identificadas nas escavações da Favorite (Lyon), 15 a.C./5 d.C. (Desbat e Martin-Kilcher, 1989, p. 344-345) enquanto nas Termas do Nadador, em Óstia e em época tardo-antonina (segunda metade do século II d.C.) atinge 13,86% (Panella, 1986, p. 613). Em Inglaterra, nas escavações de Colchester Sheepen, foram, por outro lado, identificados 21 destes contentores, 16 dos quais de fabrico ródio, e os restantes de produção incerta, mas seguramente do Mediterrâneo oriental, representando os primeiros 14,52% das importações vínicas deste sítio romano sob o reinado de Cláudio (Sealey, 1985, p. 58). Na Catalunha, em Barcelona, em escavações efectuadas em Torre Vella recuperaram-se nove fragmentos provenientes de um contexto datável de finais do século I d.C. (Comas i Solà, 1985, p. 36-39). Nenhuma ânfora desta classe foi até ao momento identificada no actual território português (ou pelo menos submetida a conveniente publicação).

Foi, como já acima referimos, identificado apenas um fragmento de asa de uma ânfora desta classe, mas que, pelas características da pasta e por ter conservado a típica inflexão da parte superior da asa, uma das mais acentuadas particularidades formais das ânforas de «Tipo Ródio», nos permite com alguma segurança a sua classificação. Esta é de secção circular, apresentando uma pasta muito depurada, de cor bege claro na superfície e rosada na secção, com escassos elementos não plásticos visíveis sem lupa. Este provém, uma vez mais, da *insula* da Alameda.

Tipo Ágora M54

Esta ânfora bicónica, apresenta um lábio extrovertido de secção circular, asas bífidas, arrancando sub-verticalmente do colo bastante largo e inflectindo, para repousar sobre o ombro. O corpo é piriforme, terminando num pequeno pé troncocónico maciço.

Esta ânfora foi produzida durante os séculos I e II d.C. na Cilícia, na zona do Golfo de Alexandreta, onde se identificaram ateliers que a fabricaram em Yumurtalik e Ayas, no sul da actual Turquia (Empereur e Picon, 1989, p. 231).

Foi identificada sobretudo em centros urbanos e áreas de consumo do Mediterrâneo Oriental: Atenas — na Ágora, em contextos flavianos (Robinson, 1959, p. 89) — Delos, Chipre e Alexandria, estando ausente ou escassamente representada nas províncias ocidentais do Império, e mesmo em Pompeios, onde as ânforas egeias estão bem representadas, não foi até ao momento detectada. Não obstante, Clementina Panella regista-a entre as ânforas orientais presentes nas Termas do Nadador em Óstia (em contextos tardo-antoninos), embora em escasso número: nove

fragmentos (Panella, 1986, p. 613). Também em França, no Golfo de Fos e na baía de Marselha se identificaram ânforas deste tipo.

Em Portugal foi recentemente identificado uma asa de ânfora deste tipo pelo Dr. Carlos Fabião, proveniente de Torre d'Aires no Algarve (Fabião, 1994).

A ânfora por nós estudada (n.º 18) — que apresenta uma pasta de cor bege na superfície externa, resultante da aplicação de um engobe de cor clara, ou pela adição de sal durante a moldagem, e bege acastanhado na interna e na secção, com elementos não plásticos de grão fino constituído por quartzo, calcário, moscovite e micaxisto, ambos muito raros e por pequeníssimas inclusões negras, somente detectadas à lupa — provém da *insula* da Alameda, dos níveis mais antigos, provavelmente do século I d.C.

5.5. Produções locais e regionais

As produções vnicas lusitanas parecem confirmadas em Tomar, se tomarmos em conta a identificação de seis fragmentos de ânfora, correspondentes à Lusitana 3 da tipologia de Dias Diogo (1987b, p. 184-185), dos quais ilustramos dois (n.os 15 e 16).

Ânfora do Tipo Lusitana 3

Esta ânfora formalmente muito próxima da classe 27 (= Gaulesa 4), da classe 38 (= Dressel 30) e da variante piriforme da classe 23 (= Almagro 51C) e por isso durante muito tempo classificada entre nós erradamente como afim da classe 38 ou 23, apresenta um lábio vertical ou sub-vertical, asas de fita que arrancam abaixo do lábio e descansam sobre o ombro e um corpo piriforme terminando num pé anelar.

Foi produzida nos fornos de ânforas do Tejo e do Sado a partir do século II d.C. e o seu conteúdo vinário foi avançado em artigo recentemente publicado, baseando-se os autores em análises efectuadas no LNETI pelo Prof. Eng.º Peixoto Cabral (Diogo e Alves, 1989).

Formalmente parece resultar de uma adopção, por parte dos ateliers lusitanos de produção de ânforas, do modelo de contentor da classe 27 (= Gaulesa 4) produzido na Gália Narbonense a partir do século I d.C., de pequeno porte e versátil, com uma excelente relação entre peso e capacidade. Quer pelas análises acima mencionadas, quer ainda pela flagrante semelhança formal com os contentores vinários gauleses e norte-africanos, parece-nos razoável admitir a sua função como ânfora vinária, destinada ao envase dos vinhos de produção local (lusitanos).

No actual território português, surge documentada em diversos contextos urbanos do Alto Império e do início do Baixo Império.

Em Tomar os seis fragmentos de ânfora foram recolhidos na *insula* da Alameda e da Rua Norton de Matos, surgindo no primeiro sítio a partir do século II d.C. e prolongando-se até pelo menos ao século V d.C.

6. Conclusão

Da análise das 32 ânforas vinárias identificadas em Tomar (*Seilium*) — provenientes sobretudo das *insulae* da Alameda e da Rua Norton de Matos, sendo o seu número no Fórum bastante

inferior, mas onde se identificaram os contentores mais antigos — destaca-se, antes de mais, a ausência no registo arqueológico de importações itálicas, tardo-republicanas (classe 5) ou alto-imperiais (classe 10) e a consequente ausência de importações de vinhos italianos durante a primeira fase da cidade romana de *Seilium*, que parecem ter sido logo de início substituídos pelos vinhos da Tarraconense, da Gália e sobretudo da Bética. De facto, a província da Bética afirmava-se como a grande exportadora de vinho para *Seilium* durante o século I d.C., com 50% do total de contentores vinários identificados, acompanhada a grande distância pelas importações da Tarraconense (16%) e da Gália (9%), estas últimas bastante sensíveis no conjunto estudado (Fig. 2). Por outro lado, o consumo de vinhos orientais surge em *Seilium* confirmado pela presença de duas ânforas alto-imperiais produzidas no Mediterrâneo oriental, uma delas em Rodes ou no território dominado pela liga que ostentava o seu nome, entre o século I a.C. e inícios do II d.C. (classe 9) e a outra na Cilícia, na zona do Golfo de Alexandreta, com uma cronologia abrangendo o século I d.C. e II d.C.

Desta forma podemos constatar que o auge das importações de produtos vínicos em *Seilium* foi atingido no século I d.C., funcionando como principal centro abastecedor a província vizinha da Bética e complementarmente a Tarraconense e a Narbonense. O que parece confirmar as ideias esboçadas por Dalí Colls e colaboradores — relativamente à importância da província da Bética como um grande centro produtor de vinho na Hispânia, a par da Tarraconense ou suplantando-a mesmo — ao estudarem o naufrágio Port-Vendres II (Colls et al., 1977), contradizendo em certa medida as palavras de André Tchernia ao secundarizar as produções vinárias da Bética relativamente às da Tarraconense (Tchernia, 1971, p. 77).

No século II d.C. assiste-se em *Seilium* a um rápido decréscimo das importações vinárias, tornando-se este praticamente vestigial no século III d.C., estando somente presente uma ânfora gaulesa da classe 27 presumivelmente uma produção tardia.

A causa aparente para a detenção das importações de ânforas vinárias da Bética, Tarraconense e da Gália, ausentes no registo arqueológico de *Seilium* a partir do século III d.C., parece residir no simples facto de a pressão da procura de produtos vínicos ter sido amplamente satisfeita pelas produções vinárias locais (lusitanas), o que parece ser corroborado pelas evidências materiais. De facto, surgem nos registos arqueológicos de *Seilium*, a partir do século III d.C., e acompanhando o fim das importações de ânforas da Bética e Tarraconense, ânforas vinárias do tipo Lusitana 3, nas quais presumivelmente teria sido envasado um vinho produzido localmente provavelmente numa das muitas *uillae* do Alentejo, como S. Cucufate, ou das margens do Tejo (com uma produção agrícola e particularmente vitivinícola claramente excedentária e visando o abastecimento dos mercados locais ou regionais). Desta forma, parece-nos verosímil a existência de um circuito comercial interno na Lusitânia através do qual o vinho produzido nas grandes *uillae* e acondicionado em recipientes anfóricos do tipo Lusitana 3, era distribuídos pelos vários centros consumidores, particularmente pelas cidades.

Resulta curioso observar que outros centros urbanos lusitanos mostram basicamente os mesmos ritmos de consumo de produtos vínicos detectados para *Seilium* entre o século I d.C. e os séculos II-III d.C., embora em escalas diversas. Em Conímbriga, apesar de as importações vinárias serem precoces relativamente a *Seilium*, iniciando-se entre os séculos III-II a.C. — estando presente uma ânfora da classe 2 (= Greco-Itálica) — e continuando durante o início do século subsequente com presença de ânforas do tipo Dressel 1, atingem o ponto máximo nos finais do século I a.C. e durante o século I d.C., uma vez mais com presença claramente maioritária de ânforas béticas da classe 15 (= Haltern 70), mas também da Tarraconense, da classe 10 (= Dressel 2-4), em muito menor número. Entrando em óbvio declínio a partir do início do século II

d.C. (Fig. 3). Uma vez mais é interessante observar a presença nesta cidade, à semelhança do que acontece em *Seilium*, de ânforas do tipo Lusitana 3. O mesmo fenómeno ocorre em Setúbal, embora aqui estejam ausentes os contentores da classe 15 (= Haltern 70), e as importações vinárias béticas, optando-se, aparentemente pelas vinhos itálicos transportados nas ânforas da classe 10 (= Dressel 2-4), não estando presentes também contentores do tipo Lusitana 3.

Desta forma teríamos para Conímbriga um aumento progressivo das importações de vinho primeiro da península itálica e depois da Bética e da Tarraconense até ao século I d.C., período em que estas atingem o seu ponto máximo e a partir do qual os ritmos de consumo de produtos vinícolas deste centro urbano sofrem uma evolução análoga aos de *Seilium*, decaindo no início do século II d.C., sendo os vinhos béticos e tarraconenses substituídos gradualmente, presumivelmente por produtos vînicos locais (lusitanos). Enquanto em Setúbal, a inexistência de importações de ânforas vinárias béticas ou tarraconenses (só estão presentes contentores itálicos) não nos permitem discernir qualquer deslocação das áreas de produção que abasteciam este mercado. Não obstante só estarem presentes ânforas itálicas, estas pertencem à classe 10 (= Dressel 2-4), pelo que mais uma vez parece ter sido no final do século I a.C. e inícios do século I d.C. que se atingiu também nesta cidade o auge da importação de vinho, neste caso itálico.

O processo registado em Conímbriga parece-nos dividir-se basicamente em três fases: uma fase inicial em que é importado vinho itálico; uma segunda, a partir de finais do século I a.C. e do século I d.C., em que o centro abastecedor de vinhos à cidade se parece deslocar da Itália para a Hispânia, nomeadamente para a Bética, em consequência da afirmação desta província como um grande centro produtor de vinho, com importações de ânforas da classe 15 (= Haltern 70) e da classe 31 (= Dressel 28); uma terceira, a partir do início do século II d.C., em que as importações vinárias cessam, sendo substituídas por produções locais e regionais, surgindo no registo arqueológico de Conímbriga, a partir dos inícios do século III d.C., as ânforas do tipo Lusitana 3. Deste modo os ritmos de consumo durante as duas primeiras fases do processo, relacionar-se-iam com o início e intensificação da romanização da Lusitânia e sobretudo das regiões Norte do Tejo, com a adopção de hábitos alimentares mediterrânicos, mas sem uma produção vinícola local, pelo menos sensível, enquanto na terceira fase, já com a província e a região amplamente romanizada é aparentemente iniciada uma produção vinária local e regional que satisfaz totalmente a procura deste produto nos mercados da cidade, afirmando-se a Lusitânia neste período claramente como produtora de vinho, embora aparentemente só para consumo interno.

Em *Seilium* parecem estar somente registadas as duas ultimas fases deste processo, estando completamente ausentes as importações itálicas na cidade, a que não deverá ser alheio o facto da cidade ter sido fundada já no século I d.C., numa altura em que os vinhos da Bética e Tarraconense já se vinham sobrepondo aos itálicos nos mercados ocidentais.

Nos centros urbanos a Sul do Tejo não dispomos de dados seguros que nos permitam estabelecer parâmetros evolutivos nos ritmos de consumo de vinho, contudo é óbvio para Setúbal que há aparentemente uma opção pelo mercado vinário italiano durante os finais do século I a.C. e durante o primeiro século da nossa era, com clara ausência de contentores béticos (embora aqui a frequência de ânforas vinárias seja manifestamente inferior à detectada para Conímbriga ou para *Seilium*). O que pode, por outra via, ser sintoma da existência de uma produção local, correspondendo as ânforas itálicas à necessidade de possuir um vinho de qualidade, funcionando este como um bem alimentar de prestígio.

Finalmente a presença de ânforas de produção oriental em *Seilium* são indício, por um lado, do vigor das exportações de produtos vînicos orientais para Ocidente e, por outro, da existência de um circuito comercial que colocava em contacto o extremo ocidente do Império Romano

com o Mediterrâneo oriental, embora provavelmente por via indirecta. Surgindo a Hispânia e sobretudo a sua província mais ocidental (a Lusitânia), presumivelmente como plataforma giratória, base de apoio ao comércio marítimo a longa distância entre o Mediterrâneo e o Atlântico, circuito através do qual, presume-se, se faria o abastecimento aos contingentes militares presentes na Britânia (complementado pelo abastecimento efectuado a esta província através do eixo Ródano-Reno.

Ânforas romanas vinárias de Seilium (Tomar)

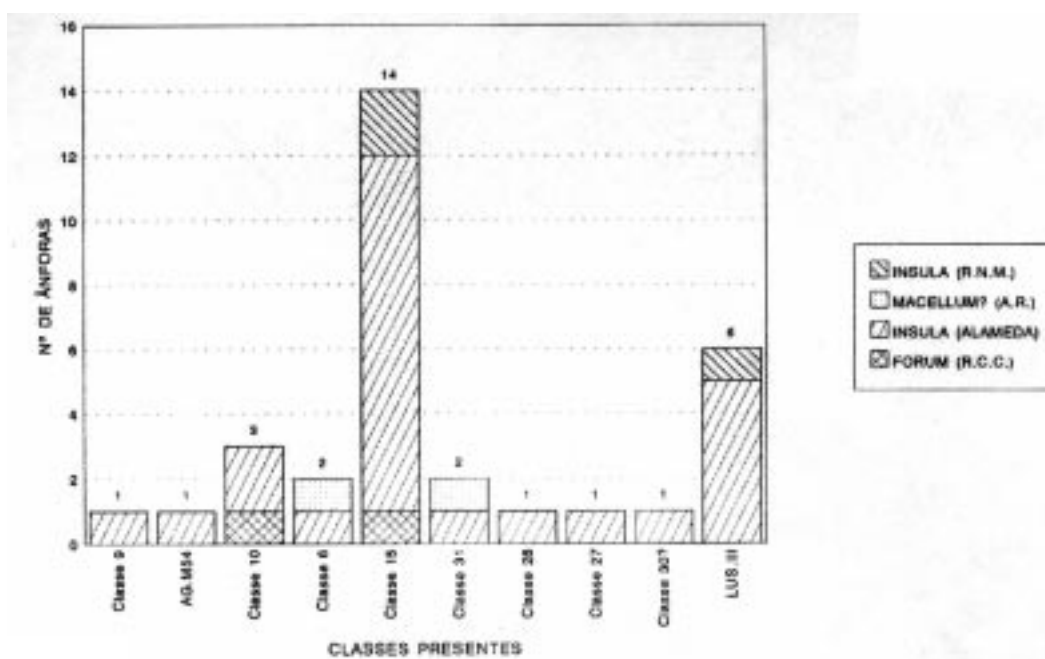


Fig. 1

Ânforas vinárias de Seilium (Tomar) - (Locais de Proveniência)

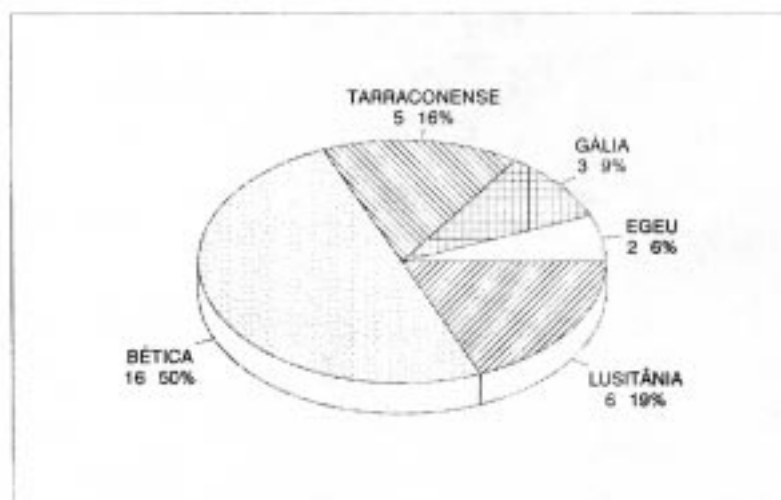


Fig. 2

Ânforas romanas de Seilium (Tomar). Ritmos de consumo de produtos vínicos, azeite e preparados de peixe.

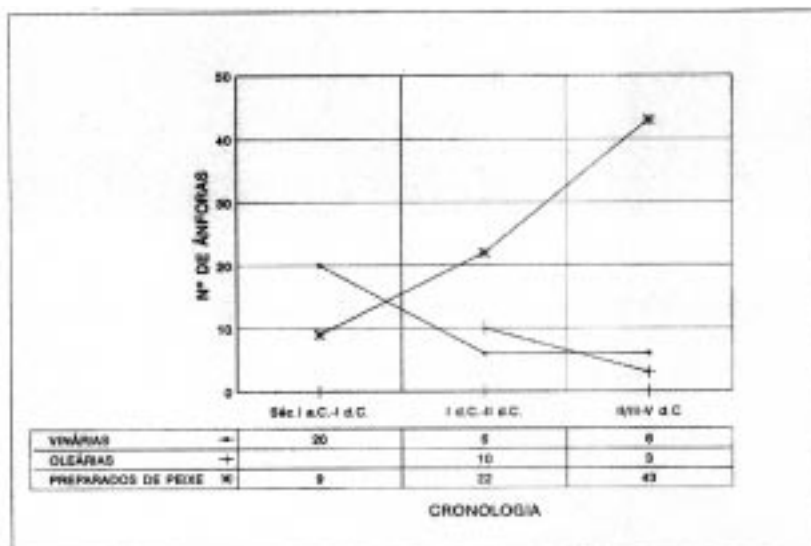


Fig. 3

7. Catálogo

1. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio extrovertido, sub-vertical moldurado com espessamento externo. Pasta de cor bege acinzentado na superfície externa, interna e na secção, apresentando abundantes elementos não plásticos de quartzo, feldspato e xisto, de dimensão inferior a 1 mm, bem como inclusões negras e óxidos ferrosos com as mesmas dimensões. DEL: 15,3 cm, HL: 3,8 cm. INV. 81 TOM/AL VALA 1888.

2. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio sub-vertical, moldurado com leve espessamento externo. Pasta de cor bege na superfície externa e interna e na secção, apresentando abundantes elementos não plásticos constituídos por quartzo, xisto, moscovite (escassa), biotite e inclusões negras de origem vulcânica de dimensão inferior a 1 mm. Possui na pasta grãos de cerâmica moída com a mesma dimensão. DEL: 15,5 cm, HL: 4,2 cm, EL: 1,6 cm. INV. 85 TOM/AL I 42 (1) 158.

3. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio sub-vertical moldurado com ligeiro espessamento interno. Pasta compacta de cor bege escura na superfície interna e externa e castanha na secção, com elementos não plásticos angulosos, de quartzo, feldspato e moscovite, de dimensão inferior a 2 mm. DEL: 14,5 cm, HL: 3,8 cm, EL: 1,4 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 14 (3) 2747.

4. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio vertical moldurado com leve espessamento externo. Pasta de cor bege na superfície externa e interna e bege na secção,

com abundantes elementos não plásticos de quartzo, xisto e moscovite de dimensão inferior a 1 mm. Apresenta grãos de cerâmica moída na pasta com a mesma dimensão. DEL: 16,9 cm, HL: 3,9 cm, EL: 1,3 cm. INV. 87 TOM/AL DIV 1A (2) Barg. Sul 2658.

5. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio sub-vertical espessado interna e externamente. Pasta de cor bege claro na superfície interna e externa e bege claro na secção, com abundantes elementos não plásticos de quartzo, moscovite, xisto e inclusões negras de origem vulcânica, de dimensão inferior a 1 mm. DEL: 15,4 cm, HL: 5,1 cm, EL: 1,9 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 17 (3) 3228.

6. Fragmento de lábio de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Lábio sub-vertical moldurado, com ligeiro espessamento interno e forte espessamento externo. Pasta de cor bege na superfície externa e interna e bege na secção, com abundantes elementos não plásticos de quartzo, feldspato, quartzito, xisto, moscovite e biotite, de dimensão inferior a 2 mm. DEL: 16 cm, HL: 48 cm, EL: 2,4 cm. INV. 86 TOM/AL CIII -7 (2) 2800.

7. Pé de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Pé troncocónico maciço de base arredondada, apresentando no interior uma protuberância argilosa pouco pronunciada e arredondada. Pasta de cor bege na superfície externa e interna e bege acinzentado na secção, com abundantes elementos não plásticos de quartzo, feldspato, quartzito, moscovite e biotite, de dimensão inferior a 2 mm. Apresenta na pasta grãos de cerâmica moída com a mesma dimensão. HF: 12,9 cm, DF: 2,9 cm, DAF: 7,9 cm. INV. 83 TOM/AL B1 (4) 3946.

8. Pé de ânfora da classe 15 (= Haltern 70). Pé troncocónico maciço de base arredondada, apresentando no interior uma protuberância argilosa pouco pronunciada e arredondada. Pasta de cor cinzenta acastanhada na superfície externa e bege acinzentada na superfície interna e cinzenta na secção, com abundantes elementos não plásticos de quartzo, moscovite e inclusões negras de dimensão inferior a 1 mm. HF: 7,2 cm, DF: 3,9 cm, DAF: 9,2 cm. INV. 83 TOM/RCC H21 (2) 883.

9. Fragmento de lábio de ânfora da classe 6 (= Pascual 1). Lábio sub-vertical moldurado com forte espessamento interno. Pasta de cor vermelha na superfície externa, vermelha acinzentada na interna e cinzenta avermelhada na secção, com abundantes elementos não plásticos de quartzo, moscovite, chert, feldspato e quartzito, de dimensão inferior a 1 mm. DEL: 19,1 cm. HL: 5,8 cm, EL: 1,7 cm. INV. TOM/AL A16 (3) 1281.

10. Fragmento de asa de ânfora da classe 31 (= Dressel 28). Asa de fita, secção subovóide com dois sulcos longitudinais centrais exteriores. Pasta estratificada de cor bege amarelada na superfície e na secção, com abundantes elementos não plásticos, angulosos, de xisto, feldspato e moscovite, de dimensão inferior a 1 mm. DA: 5,1 x 2 cm.

11. Fragmento de asa de ânfora da classe 10 (= Dressel 2/4). Asa bifida formada por dois rolos de argila de secção circular. Pasta compacta de cor bege avermelhada na superfície e vermelha na secção, com elementos não plásticos boleados, de quartzo, feldspato, moscovite de dimensão inferior a 1 mm e pequeníssimas inclusões negras. DA: 3,4 x 2,1 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 10 (3) Banq. Este 2911.

12. Fragmento de asa de ânfora da classe 10 (= Dressel 2/4). Asa bífida formada por dois rolos de argila de secção circular. Pasta compacta de cor bege avermelhada e vermelha na secção, com escassos elementos não plásticos visíveis sem lupa. DA: 4,5 x 2,2 cm. INV. TOM/AL 3054.

13. Fragmento de Lábio de ânfora da classe 28 (= Gaulesa 1). Lábio sub-vertical moldurado, espessado externamente. Pasta compacta de cor bege na superfície interna e externa e vermelha na secção, com escassos elementos não plásticos angulosos, de feldspato e moscovite de dimensão inferior a 1 mm. DEL: 12,9 cm, HL: 2,8 cm, EL: 1,8 cm. INV. TOM/AL B1 (4) 1880.

14. Fragmento de bocal de ânfora da classe 27 (= Gaulesa 4). Lábio de secção sub-triangular ligeiramente introvertido, com o arranque de asa em fita. Pasta compacta cor de rosa na superfície externa e interna e bege na secção, com abundantes elementos não plásticos, angulosos, de quartzito, quartzo e moscovite (abundante) de dimensão inferior a 1 mm. Apresenta grãos de cerâmica moída de cor vermelha com a mesma dimensão. DEB: 8,4 cm, HL: 1,9 cm, EL: 1,5 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 5F (2) 2742.

15. Fragmento de bocal com o arranque de uma das asas, de ânfora do tipo Lusitana 3. Lábio de fita, vertical e de secção triangular, ostentando um sulco paralelo ao bordo. Asa de fita de secção ovóide com sulco longitudinal central exterior, arrancando abaixo do lábio. Pasta compacta de cor vermelha alaranjada na superfície externa e interna e vermelha na secção, com abundantes elementos não plásticos, angulosos, de quartzo, feldspato e moscovite, de dimensão inferior a 1 mm. DEB: 8,1 cm, HL: 2,4 cm, EL: 1,4 cm, DA: 4 x 1,2 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 4 (3) 3253.

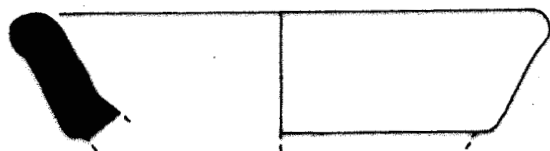
16. Fragmento de bocal de ânfora do tipo Lusitana 3. Lábio sub-vertical de secção triangular com leve espessamento externo. Asa de fita de secção ovóide com sulco longitudinal central exterior, arrancando abaixo do lábio. Pasta compacta cor de laranja na superfície externa e interna e vermelha na secção, com abundantes elementos não plásticos, angulosos de quartzo, moscovite, de dimensão inferior a 1 mm. Apresenta na pasta grãos de cerâmica moída com a mesma dimensão. DEB: 8,5 cm, HL: 2,1 cm, EL: 1,3 cm. INV. 86 TOM/AL CIV 6 (2) 2352.

17. Fragmento de asa de ânfora da classe 9 (tipo ródio). Asa de rolo de secção circular ostentando uma pronunciada aresta na parte superior. Pasta compacta de cor bege na superfície e cor de rosa na secção com escassos elementos não plásticos visíveis sem lupa. DA: 2,6 cm. INV: 86 TOM/AL CIV 4 E (2) 3005.

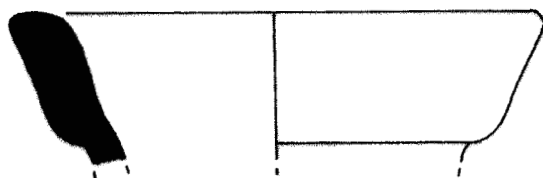
18. Bocal com arranque das asa de ânfora do tipo Agora M 54. Lábio extrovertido de secção subcircular. Asa bífida formada por dois rolos de argila. Pasta compacta de cor bege na superfície externa e interna e bege acastanhada na secção, com escassos elementos não plásticos visíveis sem lupa. DEB: 10,5 cm, HL: 1,7 cm, EL: 1,6 cm, DA: 4,3 x 2,5 cm. INV. 87 TOM/AL DIV 3 (4) 2181.

LEGENDA

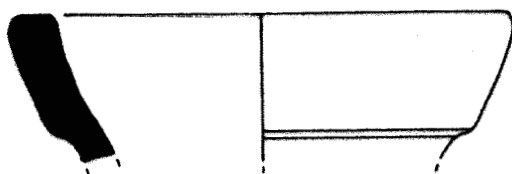
DEB: Diâmetro Externo da Boca; **DEL:** Diâmetro externo do lábio; **HL:** Altura do lábio; **EL:** Espessura do lábio; **DA:** Dimensão da Asa; **DF:** Diâmetro Base do Pé; **DAF:** Diâmetro de Abertura do fundo; **HF:** Altura do Fundo.



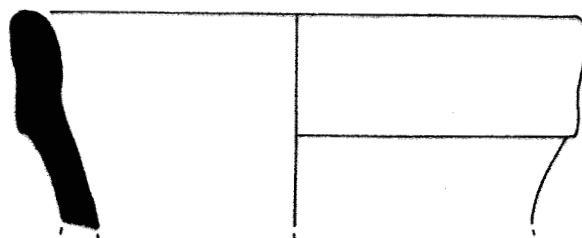
1



2

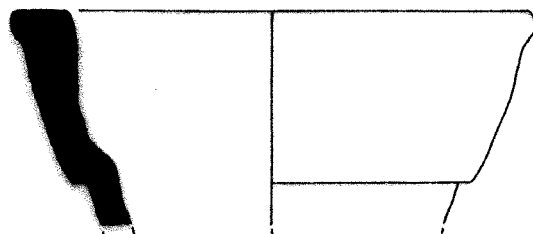


3

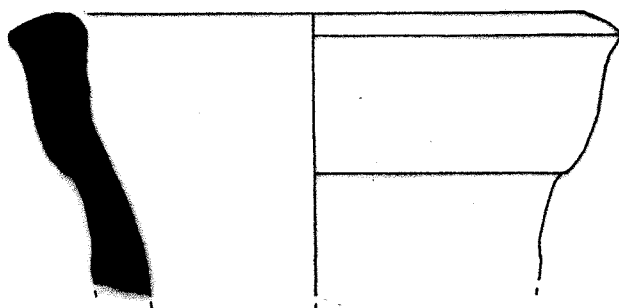


4

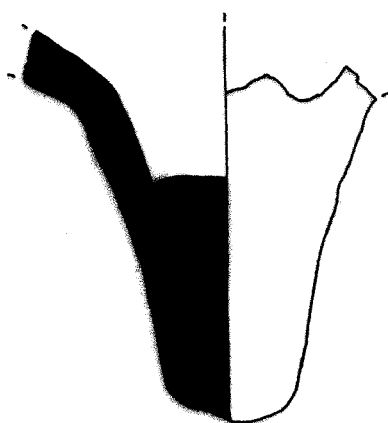




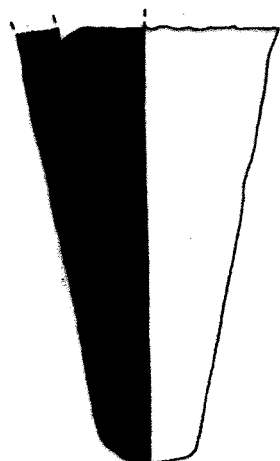
5



6

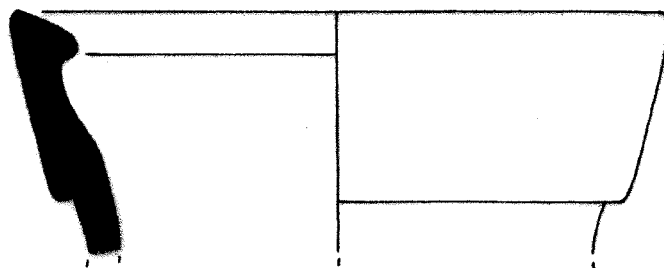


7

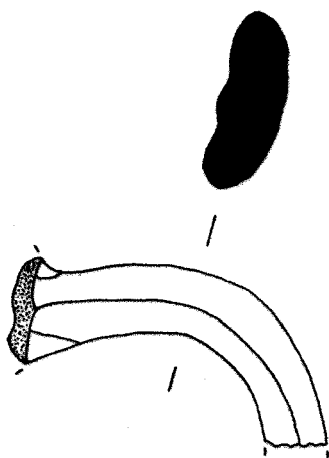


8

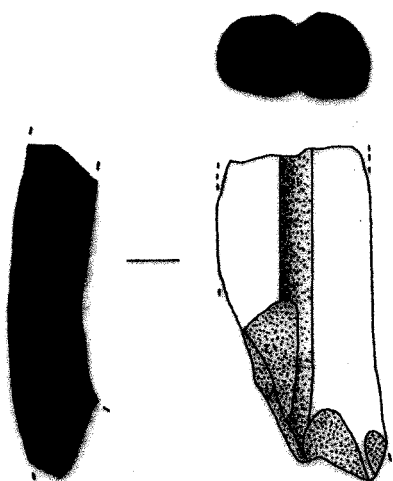




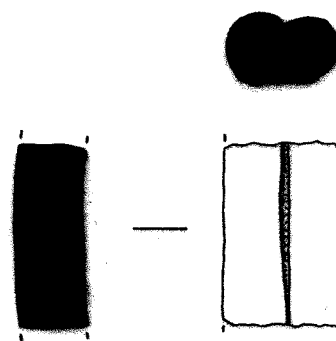
9



10

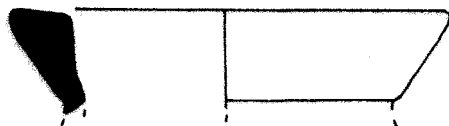


11

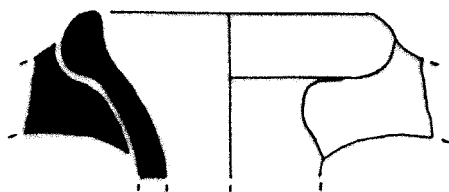


12

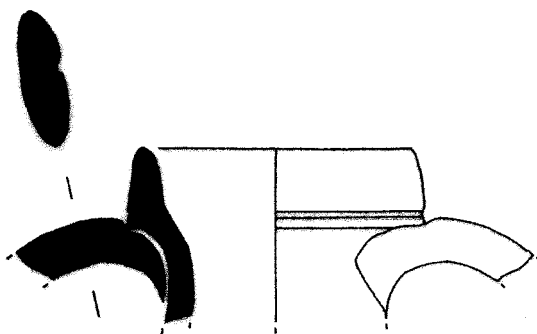




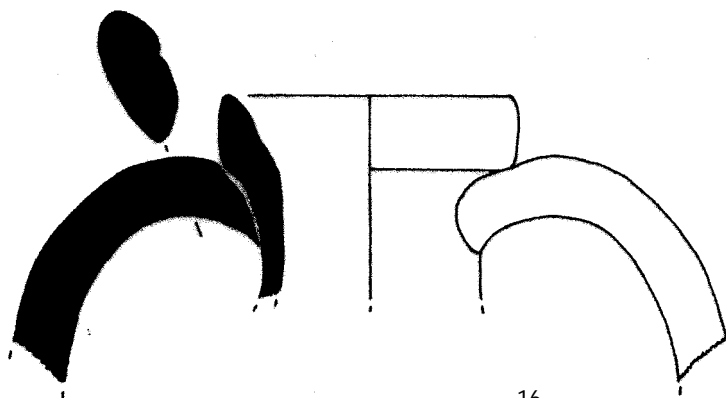
13



14

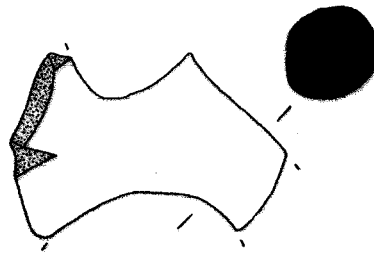


15

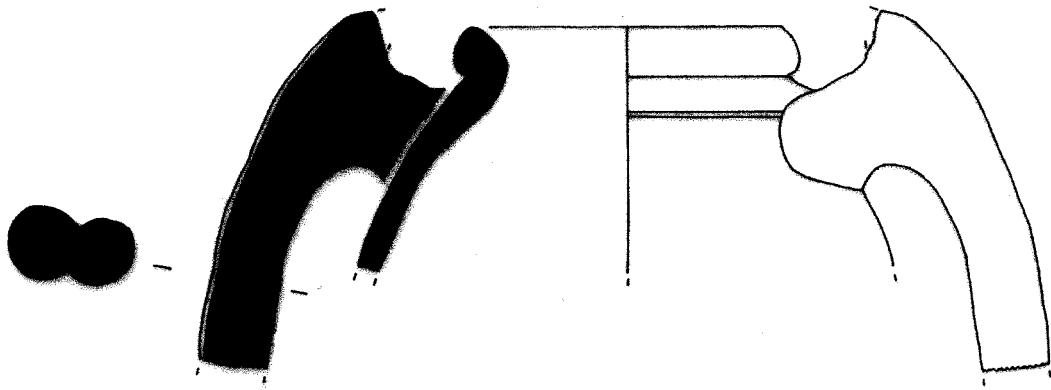


16





17



18



BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. (1990) - Introdução ao estudo laboratorial das ânforas lusitanas. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 253-257.
- ALARCÃO, J. de (1976) - Les amphores. In *Fouilles de Conímbriga*. Vol. 6. Paris : Diffusion de Boccard, p. 79-91.
- ALARCÃO, J. de (1987) - *Portugal romano*. Lisboa : Verbo.
- ALARCÃO, J. de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins : Publicações Europa-América.
- ALARCÃO, J. de (1989) - O território de *Seilium*. In *O espaço rural na Lusitânia : Tomar e o seu território*. Tomar : Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, p. 9-23.
- ALARCÃO, J. de (1990) - A produção e a circulação dos produtos. In *O domínio romano*. Lisboa : Presença (Nova História de Portugal: Portugal das origens à romanização ; 1). p. 409-441.
- ALARCÃO, J. de ; ETIENNE, R. ; MAYET, F. (1990) - *Les villas de São Cucufate (Portugal)*. Paris : Diffusion E. de Boccard.
- ARANEGUI, C. ; GISBERT, J.-A. (1992) - Les amphores à fond plat de la Péninsule Ibérique. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule: production et circulation*. Paris : Les Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 101-111.
- BANHA, C. S. (1993) - As ânforas da "villa" romana de Povos. *Boletim Cultural Cira*. Vila Franca de Xira. 5, p. 51-90.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1970) - *Las ánforas romanas de España*. Zaragoza : Institución «Fernando El Católico» (Anexo de Caesaraugusta VIII, Monografías Arqueológicas ; 8).
- BONIFAY, M. ; CONGES, G. ; LEGUILLOUX, M. (1989) - Amphores tardives (V-VII siècle) à Arles et à Marseille. In *Amphores romaines et histoire économique : Dix ans de recherche*. Rome : École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome ; 114), p. 660-663.
- BRESSON, A. (1986) - Remarques sur la dispersion des amphores rhodiennes. In EMPEREUR, J.-Y. ; GARLAN, Y., eds. - *Recherches, sur les amphores grecques*. Athènes : École Française d'Athènes (Bulletin de Correspondance Hellénique, supplément ; 13), p. 81-86.
- CABRAL, J. M. P. (1990) - Determinação da proveniência de ânforas mediante análise química da cerâmica. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 273-288.
- CALLENDER, M. H. (1965) - *Roman amphorae : with index of stamps*. London : [s.n.].
- CARDOSO, G. (1990) - O Forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 153-169.
- CARIGNANI, A. ; PACETTI, F. (1989) - Anfore tardo-antiche dagli scavi del Palatino. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Rome : École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome ; 114), p. 610-615.
- CIOTOLA, A. ; PICCIOLA, S. ; SANTANGELI VALENZANI, R. ; VOLPE, R. (1989) - Roma tre contesti: 1. Via Nova-Clivo Palatino. 2. Crypta Balbi. 3. Via Sacra-Via Nova. In *Amphores romaines et histoire économique: Dix ans de recherche*. Rome : École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome ; 114), p. 604-609.
- COELHO, A. V. P. ; CARDOSO, J. L. (1990) - Estudo sobre pastas de ânforas de fornos do vale do Tejo e do vale do Sado : análises macro e microscópicas. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 267-271.
- COELHO, A. V. P. ; SILVA, C. T. (1978) - Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 171-191.
- COLLS, D. ; ÉTIENNE, R. ; LEQUÉMENT, B. ; LIOU, B. ; MAYET, F. (1977) - L'épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude. *Archaeonautica*. Paris. 1.
- COMAS I SOLÀ, M. (1985) - *Baetulo: les amfores*. Badalona : Museu.
- COSTA, J. B. (1985) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- DESBAT, A. ; DANGRÉAUX, B. (1992) - La distribution des amphores dans la région lyonnaise. Étude de deux sites de consommation. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule : production et circulation*. Paris : Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 151-156.
- DESBAT, A. ; MARTIN-KILCHER, S. (1989) - Les amphores sur l'axe Rhône-Rhin à l'époque d'Auguste. In *Amphores romaines et histoire économique : dix ans de recherche*. Rome : École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome ; 114), p. 339-365.
- DESBAT, A. ; PICON, M. (1986) - Les importations d'amphores de la Méditerranée Orientale a Lyon (fin du I siècle avant J.-C. et I siècle après). In EMPEREUR, J.-Y. ; GARLAN, Y., eds. - *Recherches, sur les amphores grecques*. Athènes : École Française d'Athènes (Bulletin de Correspondance Hellénique, supplément ; 13), p. 637-648.
- DIOGO, A. M. D. (1987a) - Ânforas provenientes do Rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar. *Arqueologia*. Porto. 16, p. 112-113.
- DIOGO, A. M. D. (1987b) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1988) - Notícias de dois vestígios romanos no concelho de Vila Franca de Xira: 2. uma ânfora romana encontrada no Rio Tejo, junto de Alhandra. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira. 3, p. 111.

- DIOGO, A. M. D.; ALVES, F. J. S. (1989) - Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 6/7, p. 227-240.
- DRESSEL, H. (1899) - *Corpus inscriptionum Latinarum, XV, 2: Inscriptiones Urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum*, Partis posterioris fasciculus I, Berlin.
- EMPEREUR, J.-Y. ; PICON, M. (1989) - Les régions de production d'amphores impériales en Méditerranée Orientale. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule : production et circulation*. Paris : Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 223-248.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa : Uniarq-Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FABIÃO, C. (1992) - O passado proto-histórico e romano. In MATTOSO, J., ed. - *História de Portugal. Vol. 1: antes de Portugal*. Lisboa : Círculo de Leitores, p. 79-299.
- FABIÃO, C. (no prelo) O estudo das ânforas. In GONÇALVES, V. S., ed. - *A arqueologia em Portugal Anos 90*.
- FABIÃO, C. (1996) - Sobre a tipologia das ânforas da Lusitânia. In FILIPE, G. ; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana nos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa : Dom Quixote, p. 371-390.
- FABIÃO, C. (1994) - As ânforas. In NOLEN, J. U. S., ed. - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Lisboa : Museu Nacional de Arqueologia, p. 17-33.
- FABIÃO, C. ; CARVALHO, A. (1990) - Ânforas da Lusitânia : uma perspectiva. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 37-66.
- FERNANDES, I. C. ; CARVALHO, R. (1985) - O conjunto de fornos de ânforas de Sallèles d'Aude - França. *Arqueologia*. Porto.11, p. 114-119.
- FINLEY, M. I. (1986) - *A economia antiga*. Porto : Afrontamento.
- FRANCISCO MARTÍN, J. de (1989) - *Conquista y romanización de Lusitania*. Salamanca : Universidad.
- GARCIA Y BELLIDO, A. (1978⁶) - *España y los Españoles hace dos mil años, según la «Geografía» de Strabón*. 6^a ed. Madrid : Espasa-Calpe.
- GIARDINA, A. (1987) - La distribuzioni alimentari per la plebe romana in età imperiale. In *L'alimentazione nel mondo antico. I romani: età imperiale*. Roma : Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, p. 17-22.
- GIARDINA, A. (1992) - O mercador. In GIARDINA, A., ed. - *O homem romano*. Lisboa : Presença, p. 205-222.
- GRIMAL, P. (imp. 1985) - *A vida em Roma na Antiguidade*. Mem Martins : Europa-América.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1983) - *Excavaciones arqueológicas en el Castro de Vigo*. Vigo : Publicaciones del Museo Municipal «Quiñones de León».
- JONCHERAY, J.-P. (1974) - Étude de l'épave Dramond D (campagne 1972). *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. 3, p. 21-48.
- LAUBENHEIMER, F. (1989) - Les amphores gauloises sous l'Empire : recherches nouvelles sur leur production et leur chronologie. In *Amphores romaines et histoire économique: dix ans de recherche*. Rome : École Française de Rome (Collection de l'École Française de Rome ; 114), p. 105-138.
- LAUBENHEIMER, F. ; GEBARA, C. ; BERAUD, I. (1992) - Production d'amphores à Fréjus. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule : production et circulation*. Paris : Les Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 15-24.
- LAUBENHEIMER, F. ; SCHWALLER, M. ; VIDAL, L. (1992) - Nîmes, les amphores de la rue de Condé. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule : production et circulation*. Paris : Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 133-150.
- LIU, B. ; DOMERGUE, C. (1991) - Le commerce de la Bétique au I^{er} siècle de notre ère: l'épave Sud-Lavezzi II (Bonifacio, Corse du Sud). *Archaeonautica*. Paris. 10, p. 11-123.
- LIU, B. ; MARICHAL, R. (1978) - Les inscriptions peintes sur les amphores de l'Anse de Saint-Gervais à Fos-sur-Mer. *Archaeonautica*. Paris. 2, p. 109-181.
- MANTAS, V. G. (1989) - Vias romanas da região de Tomar : os miliários. In *O Espaço Rural na Lusitânia : Tomar e o seu território*. Tomar : Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, p. 31-46.
- MARTIN-KILCHER, S. (1992) - Les amphores de Gaule romaine : leur présence à Augusta Rauricorum. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule: production et circulation*. Paris : Les Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116), p. 157-161.
- NAVEIRO LOPEZ, J. (1991) - *El comercio antiguo en el N.W Peninsular*. A Coruña : Museo Arqueológico e Histórico (Monografías Urxentes do Museu ; 5).
- PANELLA, C. (1986) - Oriente ed Occidente : considerazioni su alcune anfore "Egee" di età Imperiale a Ostia. In EMPEREUR, J.-Y. ; GARLAN, Y., eds. - *Recherches, sur les amphores grecques*. Athènes : École Française d'Athènes (Bulletin de Correspondance Hellénique, supplément ; 13), p. 609-636.
- PANELLA, C. (1992) - Mercato di Roma e anfore galliche nella prima età imperiale. In LAUBENHEIMER, F., ed. - *Les amphores en Gaule : production et circulation*. Paris : Les Belles Lettres (Centre de Recherches d'Histoire Ancienne ; 116). Paris : Les Belles Lettres, p. 185-206.
- PARKER, A. J. (1977) - Lusitanian amphoras. In *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores*. Rome : École Française de Rome.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1991) - *Amphorae and the Roman economy : an introductory guide*. London : Longman.

- PONTE, S. da (1985a) - Tomar, história e geografia humana no tempo e no espaço. *Arqueologia na região de Tomar (da Pré-História à actualidade) : suplemento ao Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 1, p. 13-26.
- PONTE, S. da (1985b) - Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão : relatório preliminar de 1982/83. *Arqueologia na região de Tomar (da Pré-História à actualidade) : suplemento ao Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 1, p. 89-100.
- PONTE, S. da (1989a) - Tomar e o seu território - problemática e perspectivas futuras. In *O espaço rural na Lusitânia: Tomar e o seu território*. Tomar : Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia, p. 25-29.
- PONTE, S. da (1989b) - Apontamentos sobre as escavações na Rua Amorim Rosa. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar.11-12, p. 27-33.
- PONTE, S. da (1989c) - Intervenções pontuais no Fórum e na zona periférica. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 13, p. 97-102.
- PONTE, S. da (1989d) - *Seilium Tomar romana*. Tomar : Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior.
- PONTE, S. da (1993) - A cidade: memórias e sobrevivências históricas. *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 18, p. 145-158.
- PONTE, S. da ; SILVA, V. (1985) - Sondagem na Alameda 1 de Março. In *Arqueologia na região de Tomar (da Pré-História à actualidade)*. Suplemento do Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar. Tomar. p. 111-116.
- PONTE, S. da ; GUIMARÃES, M. ; PESSOA, M. ; MARQUES, A. P. (1993) - La production de l'huile et du vin au Portugal durant l'Antiquité et le Moyen-Âge. In AMOURETTI, M.-C. ; BRUN, J.-P. , eds. - *La production du vin et de l'huile en Méditerranée*. Athènes : Ecole Française d'Athènes (Bulletin de Correspondence Hellénique ; supplément 26), p. 413-421.
- RAPOSO, J. M. C. (1990) - Porto dos Cacós : uma oficina de produção de ânforas romanas no vale do Tejo. In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 117-151.
- RICOTTI, E. S. P. (1987) - Alimentazione, cibi, tavola e cucine nell'età imperiale. In *L'alimentazione nel mondo antico. I romani : età imperiale*. Roma : Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, p. 71-130.
- ROBINSON, H. (1959) - *The Athenian Agora. Vol. 5: results of the excavations conducted by the American School of Classical Studies at Athens (Pottery of Roman Period)*. New Jersey.
- SCIALLANO, M. ; SIBELLA, P. (1991) - *Amphores : comment les identifier?* Aix-en-Provence : Édisud.
- SEALEY, P. R. (1985) - *Amphoras from the 1970 excavations at Colchester Sheepen*. Oxford : B.A.R. (British Series ; 142).
- SILVA, A. C. F. (1986) - *A Cultura castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira : Museu Monográfico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, C. T. da (1991) - Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres). In ALARCÃO, A. M. ; MAYET, F., eds. - *Ânforas lusitanas, tipologia, produção, comércio*. Conímbriga : Museu Monográfico, p. 225-246.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa : Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. (1993) - *A ilha do Pessegueiro : porto romano da costa alentejana*. Lisboa : Instituto de Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T. da ; COELHO-SOARES, A. ; SOARES, J. (1986) - Fábrica de salga de peixe da época romana da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). In *Encontro de Arqueologia Urbana*. Lisboa : I.P. P. C. (Trabalhos de Arqueologia ; 3), p. 155-160.
- SILVA, C. T. da ; COELHO-SOARES, A. ; SOARES, J. (1987) - Nota sobre material anfórico da foz do Arade (Portimão). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 203-220.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. ; COELHO-SOARES, J. (1982) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro: 3ª campanha 1982. *Clio*. Lisboa. 4, p. 165-172.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. ; BEIRÃO, C. de M. ; DIAS, L. F. ; COELHO-SOARES, A. (1980) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7, p. 149-208.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. ; DIAS, L. F. ; COELHO-SOARES, A. (1984) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines): notícia da 2ª campanha (1981). *Arquivo de Beja*. Beja.1:2, p. 11-45.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J. ; COELHO-SOARES, A. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão) : resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal.9-10, p. 335-374.
- TCHERNIA, A. (1971) - Les amphores vinaires de Tarraconaise et leur exportation au début de l'Empire. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 44, p. 38-85.
- TOMBER, R. (1993) - Quantitative approaches to the investigation of long-distance exchange. *Journal of Roman Archaeology*. Ann Arbor. 6, p. 142-166.

NOTA

- 1 Apresentado no congresso O Vinho, a História e a Cultura Popular, realizado no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, em 25 e 26 de Junho de 1994. As referências bibliográficas contidas no presente artigo respeitam a publicações ocorridas até essa data, actualizando-se a bibliografia, exclusivamente, no caso de publicações no prelo em 1994 e publicadas até 1998.